REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; D. G. Torrezão; Gallis (A.); J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; M. de Assumpção; Marcellino Mesquita; P. dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

CONVENTO DA GRAÇA EM TORRES VEDRAS

## SUMMARIO



# CHRONICA

Uma semana cheia, movimentada, ruidosa. Sete dias excepcionalmente productivos e alegres, que representam outros tantos acontecimentos muito fóra do rammerão da banalidade, com grande gaudio da Chronica e das casacas pretas.

Porque a casaca representou, em quasi todos esses acontecimentos, um papel importantissimo; a casaca, a farda e a rhetorica. Quem não tivesse qualquer d'estas

tres coisas, era condemnado a ficar em casa e a vêr os successos por um oculo. Quem as tinha, divertiu-se muito alegremente, pela semana fóra, chegando ao fim do setimo dia com o estomago deliciado em banquetes opiparos e o espirito deslumbrado por festas brilhantes.

A Chronica dispunha das duas primeiras, e foi ouvir a outra, já que Deus não lhe dera todas tres, para as poder exhibir em publico. Foi, e divertiu-se. De mais a mais, a Sociedade de Geographia conta-a no avantajado numero dos seus membros, e esta benemerita associação de geographos está sendo, presentemente, a emprezaria de quantos espectaculos grandiosos por ahi se desenrolam á nossa vista, desde o Jardim Zoologico até S. Carlos. Ainda nós a havemos de vêr contractar o Blondin e escripturar a Patti, em honra de Capello e Ivens, se estes dois valentes exploradores mostrarem desejos de assistir á travessia do Tejo, sobre uma corda, e de ouvir como se canta a *Africana*, sob o ponto de vista geographico.

Póde lá prever-se até onde chegará a iniciativa audaciosa dos nossos illustres consocios?

Por emquanto, a Sociedade de Geographia limitou-se, além dos festejos realisados na semana passada, a offerecer um jantar a Capello e Ivens no formoso parque de S. Sebastião da Pedreira, e a celebrar uma sessão solemne no nosso theatro lyrico, onde aquelles benemeritos apresentaram ao paiz o relatorio da sua gloriosissima travessia pela Africa.

O jantar realisou-se na quarta feira, a 7$500 réis por cabeça. Caro, mas bom.

Compenetrando-se de que, nos sertões africanos, não se come *potage à la Societé de Geographie*, inventada pelo sr. Pequito, nem se toma *glace à la Marine portugaise*, preparado pelo sr. Antonio Augusto d'Aguiar, os iniciadores do banquete trataram de escolher um *menu* caro e pomposo, onde apparecessem aquellas gulozeimas nunca ingeridas em Muchiri e Luapula, d'envolta com *poisson au sauce crevettes, bourgeoise de veau à la Iacca, puding à l'Africaine* e Porto de 1815.

O proprietario do *restaurant* do Jardim Zoologico—um patriota muito dado a estudos coloniaes—teve a amavel generosidade de fornecer este *menu* a sete mil e quinhentos por cada commensal, por ser para quem era. Se não se tratasse de Capello e Ivens, pedia o triplo.

Mas, em verdade, correu brilhantissima a festa, com aquelle brilhantismo dos jantares onde se não vae só para comer á tripa-fôrra, e que antes constituem um pretexto para victoriar enthusiasticamente convivas illustres. No salão do banquete, adornado com esquisita elegancia, havia uma profusão extraordinaria de plantas, flores e luzes, que se reproduziam infinitamente no crystal puro e limpido dos espelhos. Por toda a parte, bandeiras e tropheus, ramilhetes e coroas de loiro, panoplias carregadas d'armas africanas, e medalhões onde o pincel do artista reproduzira varias paizagens. Nas mezas do jantar, bellos *plateaux* de bronze, magnificos crystaes reluzentes, riquissimas baixellas de prata, muita luz incidindo sobre a alvura immaculada das toalhas, muita flôr, muito perfume, muita alegria.

Ao *dessert*, a nota encantadora dos brindes; saudações d'amor e de carinho aos dois exploradores commovidos; permutas affectuosas de agradecimentos e louvores; expansões de patriotismo sincero e vehemente. A nossa grande epopeia nacional parecia rejuvenescer ali, sob o influxo da palavra magica de Pinheiro Chagas, o grande artista da tribuna, com voz de clarim e alma de poeta.

Sempre inspirado e sempre correcto, quer nos improvisos de momento, quer nos discursos profundamente meditados, o gentil academico fez a apotheose de Capello e Ivens, contrapondo os nomes gloriosos d'estes dois peregrinos da sciencia, aos nomes de Stanley e de Wesmann, que lá de fóra nos arrojavam ás faces, ao mesmo tempo que nos condemnavam quasi como um torpeço á marcha da civilisação europea na Africa.

Capello e Ivens — disse o luminoso orador — mostraram ao mundo que a civilisação do continente negro havia sempre de fallar o idioma de Camões, e que, para o indigena africano, o branco civilisado era synonimo de portuguez.

Percorrendo toda a gamma das phrases commoventes e arrebatadoras, o poeta da *Morgadinha de Valflôr*, grande pelo coração, como é grande pelo talento, não se limitou a brindar os triumphadores da travessia africana de hontem: a ultima gotta de Champagne da sua taça, bebeu-a Pinheiro Chagas por um ausente que ainda lucta, apesar de enfermo, esquecido e desanimado: — por Serpa Pinto.

Foi esta a nota final do banquete, e a unica nota triste d'aquella festa encantadora, se é que não houve ainda outra, posta pela ausencia completa do elemento feminino.

Depois do banquete no Jardim Zoologico, a sessão solemne no theatro de S. Carlos, transformado em salão vastissimo, para a celebração da conferencia dos exploradores e entrega das medalhas commemorativas. Era logico que o jantar precedesse a conferencia. Lá diz o aphorismo: —*mens sana in corpore sano*; e quem não traz o estomago bem confortado, não póde ter o espirito bastante fortalecido para grandes despezas de rhetorica, principalmente quando vem de soffrer jejuns rigorosos pelas florestas virgens da Africa. Primeiro trata-se do corpo, para que o intellecto possa produzir alguma coisa boa. Obedecendo a estes principios salutares, a Sociedade de Geographia foi humana e previdente.

Na sessão solemne do theatro lyrico não houve *punch à la Capello-Ivens*, nem ceia volante com *asperges à l'indigène*, mas houve enthusiasmo a trasbordar, tres mil labios resequidos por vivas estridentes, seis mil mãos cansadas de applaudir com delirio indiscriptivel.

A's sete e meia da noite, a formosa sala de S. Carlos estava cheia, como nunca o estivera nas saudosas noites da Devriés e da Sembrich. Valdez mostrava-se radiante, no ante-gozo dulcissimo d'uma enchente d'aquellas para a epoca proxima.

Pela platéa, em pittoresco e vistoso *pêle-mêle*, confundiam-se as *toilettes* alegremente coloridas das damas do grande mundo, com as casacas severas e as fardas solemnes dos convidados. Pelos camarotes e frizas viase espalhada a fina flôr da marinha e do exercito, da diplomacia e do alto funccionalismo. No camarote real, el-rei, a rainha e os principes. No do governo, todos os ministros. Nenhum dos elementos componentes da nossa sociedade faltou ao *rendez-vous*. A imprensa diaria representou-se n'um logar de honra, em face de Capello e Ivens. A orchestra da *Associação 24 de Junho* tocou hymnos festivos.

A's dez horas da noite, sobre a narrativa singella mas commovedora da audaciosa travessia pela Africa, que todos nós escutámos embevecidos e orgulhosos, ouviu-se a palavra scintillante de Antonio Augusto de Aguiar, como se ouvira, antes da conferencia, o verbo inspirado de Pinheiro Chagas. Em seguida, a realeza confraternisou com o povo, abraçando affectuosamente Capello e Ivens, e offerecendo-lhes as medalhas de honra, commemorativas da expedição.

Este abraço foi o epilogo da festa, a chave de oiro com que fechou aquella noite de triumphos para os nossos illustres compatriotas.—Merecido abraço!

CASIMIRO DANTAS.

# A MARQUEZA DE ALORNA, EM CHELLAS

No mez de agosto d'este anno fui visitar o convento de Chellas. Apesar de lisboeta estreme, confesso com vergonha que não conhecia por aquelle lado os arredores de Lisboa. O valle de Chellas, com as suas hortas e pomares, era-me completamente desconhecido, e devo confessar que não fiquei extremamente enthusiasmado com a sua belleza. Nós, os lisboetas, estamos tão habituados á aridez dos campos que nos rodeiam, que duas folhas de verdura bastam para nos enthusiasmar, e que tomamos um campo de alfaces por um especimen muito apreciavel das viçosas campinas da Lombardia.

O fim que eu tinha em vista com a minha visita a Chellas era vêr o velho convento que fôra cedido ao ministerio da marinha e ultramar para ali se estabelecer uma succursal do seminario do Bom Jardim. O convento é um edificio immenso, em grande parte arruinado. Causa dó vêr estes immensos edificios, que a piedade dos nossos antepassados erigiu, completamente perdido pela incuria dos seus descendentes. Que magnificos estabelecimentos se poderiam instituir em todos esses conventos dispersos pelo reino! Emfim não é este o logar, nem o ensejo proprio para fazermos recriminações.

Uma ala do edificio de Chellas está ainda răsoavelmente conservada e a egreja tem um aspecto excellente, mas uma outra aba do edificio, aquella em que era outr'ora o dormitorio das noviças, está em tão completa ruina que nem ousámos visital-a. Entre essa ala arruinada e a outra que acabavamos de vêr, levanta-se um pequeno corpo do edificio, tambem bastante arruinado.

—Eram ali os aposentos da marqueza de Alorna, quando esteve em Chellas, disse-me uma das pessoas que me acompanhavam.

Então, por subita magia, passou diante dos meus olhos a visão do passado. Vi com os olhos da alma esse formosissimo vulto de Alcippe, que passou n'aquelle convento os annos mais floridos da sua mocidade.

Foi ali que alvoreceu aquelle gentil talento, que, se tivesse visto em França a luz do dia, teria adquirido uma celebridade européa, bem superior á de todas as famosas poetisas da côrte de Luiz XVI. Foi ali que ella e sua mãe curtiram saudades do pobre marquez de Alorna, preso na Junqueira, Agrario, como lhe chamava Alcippe nos seus versos!

Que triste historia aquella!

Um dia, o marquez de Alorna, gentil moço de vinte e cinco annos, herdeiro de um nome que seu pae illustrara com o seu valor militar, preparava-se para partir para França, onde ia ser embaixador portuguez junto da côrte de Luiz XV. Rodeiavam-n'o sua mulher, a filha dos marquezes de Tavora, D. Leonor, e seus filhos Pedro, Leonor e Maria. A mais velha era Leonor que tinha apenas oito ou nove annos. Rebenta de subito a horrivel catastrophe promovida pela tentativa de assassinio praticada contra el-rei D. José, no caminho da Ajuda. A furia do marquez de Pombal ceva-se principalmente nos Tavoras. Os marquezes são arrastados ao cadafalso com todos os seus parentes mais proximos, e seu genro, o marquez de Alorna, suspeito de ter tido conhecimento do crime, é lançado nos carceres da Junqueira, emquanto sua mulher, D. Leonor, recebe ordem de se recolher ao convento de Chellas com suas duas filhas, e emquanto seu filho, D. Pedro, creança de tres para quatro annos, fica desamparado e entregue, por assim dizer, á compaixão dos criados, encarregando o marquez de Pombal a Ignacio Pedro Quintella a administração da casa de Alorna, que teve ao menos a generosidade de não confiscar. Seria com essa administração que principiaria a formar-se a enorme riqueza dos Quintellas?

Dezoito annos estiveram encerradas em Chellas a infeliz senhora e as suas duas filhas; ali desabrochou na clausura o formoso talento da adoravel Alcippe, cuja encantadora physionomia se póde ainda hoje admirar no retrato que precede a edição completa das suas obras. Não recordaremos os episodios mais conhecidos da sua existencia na clausura. Não lembraremos o caso da carta de seu pae, escripta com sangue. e que sua mãe lhe mostrou; não fallaremos senão rapidamente na scena magnifica do arcebispo de Lacedemonia. Este prelado, creatura do marquez de Pombal, coadjutor do patriarcha de Lisboa, tendo por conseguinte jurisdicção no convento de Chellas, deu algumas ordens a Leonor, que esta não cumpriu. Sabendo da desobediencia, o prelado voltou á grade, e disse-lhe:

—Eu farei queixa ao sr. marquez.

—Ao sr. marquez de Alorna, meu pae? perguntou a gentil poetisa.

—Não, menina, ao sr. marquez de Pombal.

Tinha então dezoito annos a graciosa menina. Levantando a cabeça, e sacudindo com altivez os seus loiros cabellos, uns cabellos que inspiraram a sua irmã o seguinte tercetto:

Mas quanto maior bem, mais agradavel
E' ver de Lise, solto e negligente
Ondeando o cabello incomparavel

Sacudindo pois com um gesto soberano esse incomparavel cabello, a futura marqueza fulminou o arcebispo com os seguintes versos de Corneille, levemente modificados para mais completa applicação.

*Le cœur d'Eléonore est trop noble, et trop franc*
*Pour craindre ou respecter le beurrooau de son sang.*

Não sabemos se o arcebispo entendeu, o que sabemos é que se retirou corrido.

Na minha visita ao convento, acompanhou-me d'ahi por diante a loira imagem da formosa poetisa. Ao ver de uma janella o valle fresco, bem lavado de aguas, lembrava-me o idyllio que Alcippe lhe dedicara:

Comtigo agora falle
A minha dôr aguda, oh! triste valle!
Escuta-me, arvoredo,
Claro e placido rio,
Concava rocha, ermo que sombrio
Prestas habitação ao escuro medo:
A ti argùo, pois que em tuas grutas
As magoas despiedades
Contra mim resolutas
Eu vejo conjuradas:
A ti, onde aprendi a chorar tanto
Que em rios, fontes se me torna o pranto.

Ao sentar-me n'uma cadeira de pedra no limitado jardim do claustro, lembrava-me ainda que fôra ali talvez que Leonor lera ao luar, em companhia de sua irmã, esta epistola de Almeno.

Sentei me ao pé de um tronco, que sobre elle
Tinha enredado o filho de Semele
A planta que protege; doce abrigo
Achei Marcia tambem, que era comigo
Era já noite; e o silencio estava
O quieto jardim, e só brincava
C'o as ondas de uma fonte prateada
De Cynthia a imagem tremula e quebrada
Para ler os teus versos, sabio Almeno
Me bastava o luar puro e sereno.

No cemiterio do convento viam-se as lages que occultavam as sepulturas de algumas abbadessas. Para esse cemiterio davam effectivamente algumas das janellas do corpo de edificio, onde habitou Alcippe. Era uma d'essas janellas a da sua cella, em cujo parapeito ella escreveu uma noite a ode intitulada *A's Parcas*.

Voai, votos sinceros, votos puros,
Suspiros da minha alma, meus gemidos,
Cercae esses sepulchros horrorosos,
Movei as tristes cinzas.

Ossos mirrados, descarnados membros,
Sombras da morte, lividos semblantes,
Manes errantes sobre tristes bordas,
Escutae meus lamentos!

Percorrendo os longos corredores para onde se abrem as portas das antigas cellas das freiras, procurava adivinhar qual seria aquella onde residia a freira graciosa que inspirou a Alcippe estas quadras levemente suspeitas.

Quando em silencio adormecem
Todos os seres mortaes,
Ligeiros á tua cella
Voam saudosos meus ais:

Dize, lêste os versos de hontem
Onde insculpio a ternura,
Commovida ao contemplar-te,
Indicios de magoa pura?

Agora que tudo dorme,
Agora que só se escuta
Da noite o surdo rumor,
Reflexo de alguma gruta.

Quando toda a natureza,
Envolvida em sombra densa.
Dá liberdade aos suspiros,
Que nascem de magoa intensa.

Corre o vago pensamento
E no pequeno recinto
De uma cella, ahi te encontra
Para explicar-te o que sinto.

Eu te vejo, oh! ceus! que vista!
Aprisionando entre flores
Os corações delicados
De mil captivos amores.

**Não criminemos Sapho. Dezoito annos alli correu encerrada em Chellas a mais radiosa juventude que nunca desabrochara em terras portuguezas! A fama da sua belleza e do seu talento**

attrahiam muitas vezes á grade em occasião de outeiros os poetas de Lisboa. Francisco Manuel do Nascimento—Filinto Elysio, João Xavier de Mattos—Albano, fr. José do Coração de Jesus – Almeno, fr. Alexandre da Silva, tio de Garrett, que Alcippe chamava Silvio, Ignacio Tamagnini—o sabio Alceste, e outros muitos corriam a ouvir e a admirar a formosa Leonor e sua irmã Maria. Tinham-se cognominado a si proprias, Leonor, Lize, Lilia ou Laura, Maria Marcia. Veio Filinto Elysio e chrismou-as. Leonor ficou sendo Alcippe e Maria Daphne. Tudo isto parece requintado e affectado, mas constitue um quadro de Watteau delicioso. No fundo de todos estes arrebiques está a mocidade, está a formosura, está o talento. Rimo-nos, porque em vez de se chamarem uns aos outros Francisco ou Leonor, se chamam Filinto ou Alcippe, e trocam entre si noticias de Albano e de Alceste, de Tirce e de Dircea? Então e hoje? E' Valentina de Lucena por acaso que se chama a espirituosa cantora da *Primavera de mulher*; é Bento Moreno o nome do author da *Comedia no campo*? Volta a moda das mascaradas, tira-nos o direito de nos rirmos das mascaradas arcadicas. Como tudo afinal era gentil e risonho! Affastava a idéa do captiveiro, e não via n'aquelle valle de Chellas onde se destacavam as ruinas melancholicas do convento senão o loiro vulto de Leonor, a passar enlaçada com a irmã por entre as arvores que lhe escutavam os versos melodiosos.

PINHEIRO CHAGAS.

## ESPERA!

Uivaria de amor a fera bruta
Que pela grenha te sentisse a mão!
E eu não sou fera, pomba! Espera! Escuta!
Eu tenho coração.
Não é mais preto o ébano que as tranças
Que adornam o teu collo seductor!
Ai não me fujas, pomba! que me canças!
Não fujas, meu amor!
A mim, nasceu me o sol, rompeu-me o dia
Da noite escura d'olhos teus, mulher!
Não me apagues a luz que me allumia
Senão quando eu morrer!
Eu não te peço a ti que as mãos de neve,
Os dedos afusados d'essas mãos
Me toquem estas minhas nem de leve...
Seriam rogos vãos!
Não te peço que os labios nacarados
Me deixem esses dentes alvejar,
Trocando, n'um sorriso, os meus cuidados
Em extasi sem par!
Mas uivando de amor a bruta fera
Que pela grenha te sentisse a mão,
Eu não sou fera, pomba! escuta, espera,
Eu tenho coração!

JOÃO DE DEUS.

# CONTOS DA CAROCHINHA

## O ANJO COXO

(CATULLE MENDÉS)

Uma manhã do estio, o filho do rei das Ilhas-Pallidas passeava sob uma chuva de neve,—porque n'este paiz, cae neve em pleno verão, á luz do sol, e os flocos da neve, brancos e tepidos, penduram-se nas hastes dos jasmineiros e dos lilazes;—o principe viu brilhar no chão um fulgor diamantino e palpitante, similhante a uma harpa, vibrando ainda sob o contacto de uns dedos de artista.

Se fosse mais pequena, essa fórma vaporosa, perlada das lagrimas da aurora, poderia comparar-se á aza de uma pomba; mas, as suas dimensões e o azul diaphano que a circumdava, como que reflectido da abobada cerulea, demonstrava que era, sem nenhuma duvida, a aza de um anjo.

O filho do rei, ao contemplal-a, sentiu-se invadido por uma dulcissima melancholia.

Pois que! um divino mensageiro, por ventura empenhado em uma batalha com algum espirito das trevas, perdera uma das suas azas?... Commetteria elle a imprudencia de curvar-se uma noute,—enganando-se com a porta do quarto,—para o perfumado leito de uma d'essas crueis amantes, que folgam cortando os vôos e desflorindo as illusões?

Basta muitas vezes uma caricia, ou o sôpro de uma bôca feminina, para que uma aza caia.

Que humilhação e que tristeza para o anjo coxo e desastrado, ao ver-se preterido pelos seus divinos irmãos, nas noutes dos bailes em que os cherubins walsam no azul com as onze mil virgens. Coxo? de certo, visto que os anjos não são corpos, são almas com pennas, não coxeam com os pés, coxeam com as azas. Em virtude d'esta supposta dôr, o principe das Ilhas-Pallidas meditava dolorosamente. Não podia admittir a idéa de que um filho do ceo coxeasse como um misero habitante da terra. Resolveu, por conseguinte, restituir ao espirito, que a perdera, a aza branca, diamantina, argentada e palpitante. Mas esse designio era mais facil de conceber do que de executar. Qual o meio de achar o anjo que perdera a aza?

Não se entra sem passaporte no inaccessivel paraizo. E mesmo que o principe annunciasse nos jornaes, declarando que o seraphim que houvesse perdido um objecto precioso, poderia reclamal-o, não obteria o menor resultado, visto como os anjos não perdem tempo a lêr as folhas periodicas.

O joven principe não sabia que expediente deveria adoptar. Lembrou-se, em tal perplexidade, de consultar a escolhida do seu coração. A mulher secretamente amada pelo filho do rei, era filha de um rachador de lenha. O principe metteu a aza debaixo do braço e dirigiu-se para a floresta.

*

—Meu amor, disse o filho do rei, encontrando a namorada perto da cabana onde ella residia, trago-te uma triste noticia.

—De que se trata? perguntou a rapariga.

—Um anjo perdeu uma das suas aza sbrancas.

Ella córou, mas não pareceu surprehendida. Dir-se-hia estar já ao facto d'este lamentavel acontecimento.

O principe acrescentou:—Resolvi restituir a aza ao seraphim que a perdeu. Só tu pódes, querida, ensinar-me o melhor meio de realisar o meu emprehendimento. E's tão bonita e tão pura que todos os celestes espiritos se encontram, de dia, nos teus pensamentos, de noite, nos teus sonhos. E' impossivel que, ao escutal-os, tu não oiças fallar do que succedeu a um d'elles.

—Ai de mim! volveu ella, córando, foi o meu anjo da guarda que perdeu uma das azas.

—O teu anjo da guarda? accudiu o principe. Conta-me, supplico-te, como é que lhe succedeu essa desgraça.

—Por tua culpa, asseguro-te, respondeu ella. Lembras-te do passeio que démos juntos, a outra noite, debaixo dos limoeiros, atravez da folhagem dos quaes as estrellas tremiam como fructos de oiro?

—Como poderia eu esquecel-o? Foi n'essa noite que tu permittiste aos meus labios, pela primeira vez, que tocassem a tua face, e desde esse tempo, tenho a bocca perfumada, como se houvesse comido rosas.

—Sim, n'essa noite deste-me um beijo, mas se elle me foi suave, nem por isso deixou de offender o anjo que me seguia, voando de ramo em ramo, para me advertir e defender. Uma das suas azas despregou-se no momento em que a tua bôcca poisou na minha face. E' a lei imposta aos guardas, a quem o céo entrega as donzellas, serem elles as primeiras victimas dos peccados das virgens confiadas á sua vigilancia.

—Oh! que odiosa lei! Calcúlo quanto o teu anjo deve sentir-se humilhado.

—Mais do que pódes imaginar! Pezaroso, abatido, incapaz de voltar ao céo, mesmo que tivesse essa ousadia, esconde-se e chora; e eu tenho o desgosto, á noite, de não poder sonhar comtigo, porque elle não me deixa dormir com as suas lamentações.

—E' indispensavel, pois, restituir-lhe a todo o transe a sua aza! Não posso arrepender-me do mal que fiz, mas desejo reparal-o.

—Creio que ha um meio, murmurou ella.

—Qual? Dize depressa!

—O essencial, volveu ella quasi em segredo, é repôr as coisas no estado em que estavam antes do passeio debaixo dos limoeiros. O meu anjo perdeu a aza porque eu recebi o teu beijo; recobral-a-ha sem duvida se... se eu o restituir.

Pronunciando estas palavras, palpitante e ruborisada pelo pudor, tentou fugir, assimilhando-se a uma rosa transformada em sensitiva. O principe approximou-se, extasiado, e no profundo mysterio dos bosques, no silencio dos ninhos que emmudeciam para escutal-o, prostrou-se de joelhos e fallou assim:

*

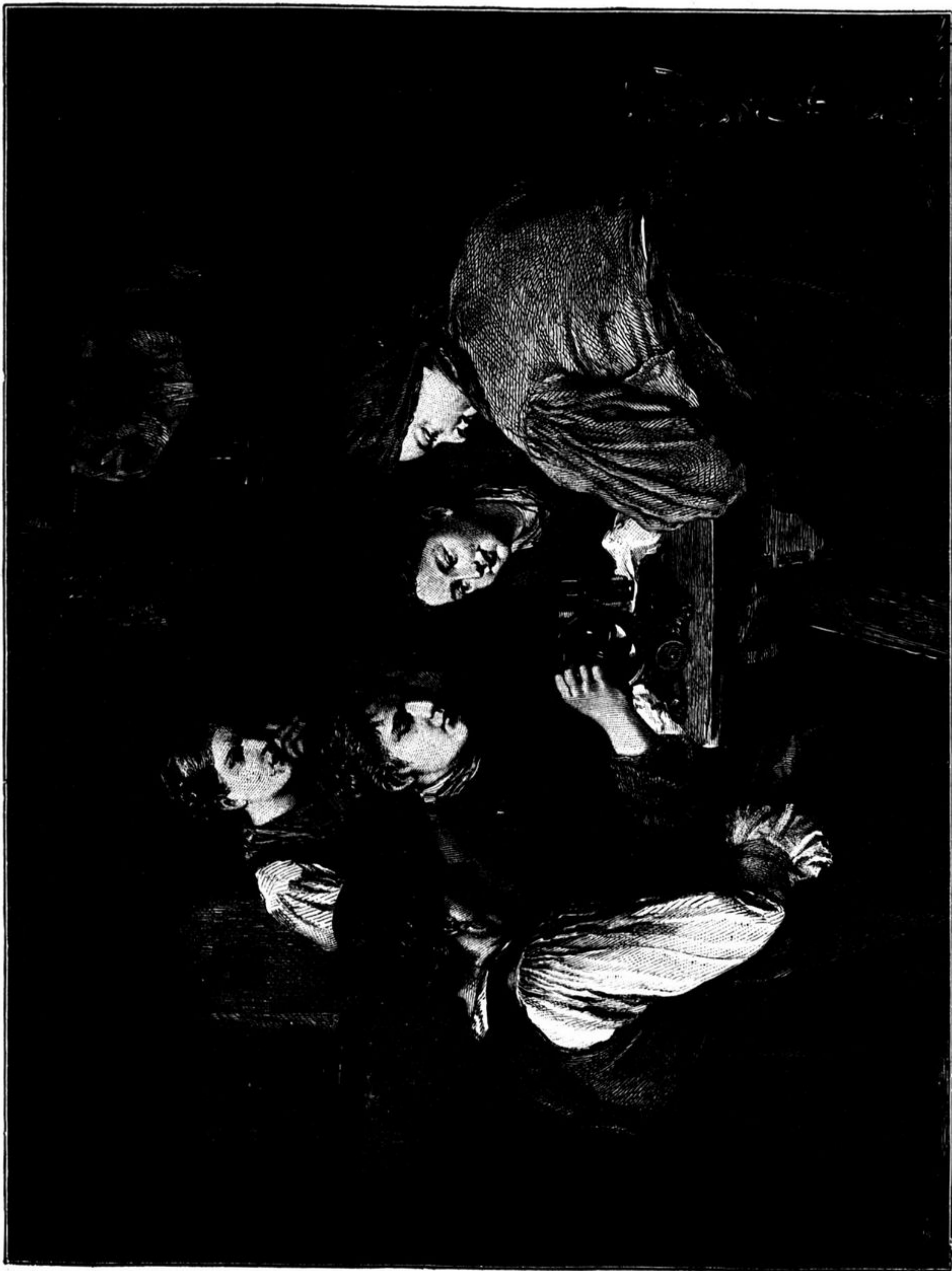
—Ó tu que eu amo! para que queres fugir-me depois d'essas palavras? Não me déste tu a esperança dos teus labios na minha face, senão para me tornar mais amargo o desespero de não os haver sentido?

Ella não respondeu, voltando a cabeça para não vêr o bello e adorado rosto que a attrahia.

O principe continuou, com expressão melancolica:

—Cruel! Comprehenderia que me recusasses a incomparavel alegria que imploro, se não se tratasse senão de mim, a quem não amas sufficientemente. Mas, oh! má, esqueceste o teu anjo, que pranteia a perda da sua aza branca? Esqueces que, restituindo-me o beijo recebido, restituir-lhe-has o livre vôo entre as nuvens e as estrellas do seu paraizo? Como elle é infeliz e digno de compaixão! Arrasta-se pela terra, em vez de pairar nas

auroras; habituado a brilhar á luz do dia, desapparece na sombra! Já viste uma rôla semi-morta, querendo ir poisar no ramo da sua arvore predilecta, e não podendo? E' a esta ave que elle se assimelha! Se não te compadeces de mim, compadece-te d'elle, e resigna-te a fazer-me feliz, para que elle tambem o seja!

Foi de certo á eloquencia d'estas rasões que cedeu a hesitante menina Entendeu que era dever seu consentir na felicidade de um homem, para obter a felicidade de um anjo; e, lentamente, com a demora das coisas que se sentem desejadas, os seus labios approximaram-se da fronte do principe. Um estremecimento agitou os ramos. Era o anjo que voava, com as duas azas, alegremente. Mas as duas azas, que tinham sido brancas, tingiram-se de côr de rosa,—a côr dos dois beijos!

Esmeralda.

E' UMA MARAVILHA!

## A FATALIDADE

Quando entrou em casa, o Lourenço vinha pensativo e reservado.

Recolheu-se ao quarto, abriu a janella e acendeu um cigar-

ro. A noite estava serena, n'essa tranquillidade cálida de agosto, em que as folhas das arvores pendem adormecidas nos troncos, e as estrellas pasmam a sua luz diamantina no vasto negro do ceu.

O Lourenço encostou a fronte á mão esquerda, e deitou para o largo uma cheia baforada, de fumo azulado, que se perdeu rapido na leve aragem do nordeste.—Alguma cousa lhe pesava no espirito, para se quedar assim, tão sorumbatico e grave.

A verdade é que elle adorava apaixonadamente a Margarida do Ferreira, e a ingrata, despresando o seu amor, deixava-se prender nas lerias do João da botica, rapaz bem posto e liró, com suas pretensões esculapinas, e fama de conquistador irresistivel.

O Lourenço, farto de ser repellido e humilhado pelos olhares despresadores da adultera, resolveu prevenir o marido.

Ordinariamente, o Ferreira fechava a loja ás ave-marias, e conservava-se ail até ás nove, em companhia de alguns amigos, bebendo, e jogando a manilha.

Por volta das sete, o João da botica sahia, e em poucos momentos encontrava-se nos braços brancos e macios da Margarida.

Aquelle idyllo escandaloso tornava fulo de raiva o Lourenço, que não admittia que um bonifrate: ajudante de pharmacia, o suplantasse a elle, rico proprietario e um dos homens mais bem parecidos da freguezia.

N'aquella tarde vira, por um furo praticado no ripado do quintal da Margarida, o João beijal-a nos labios e na garganta, e ouvira ella fallar no seu nome, acompanhando-o de algumas risadas zombeteiras.

Era claro que chasqueavam d'elle.

Os amores do boticario e da mulher do ferrador conheciam-se na villa, mas ninguem tinha coragem de os revelar ao marido.

O Ferreira era um d'estes pachidermes humanos, que atordoam um boi com um murro. Lansudo, de genio arrebatado, maus instinctos, economico em palavras, e cavalheiro nos seus negocios, tinha um fraco irresistivel:—adorava a mulher com uma reverencia sacrosanta, quasi divina.

Em casa, o Ferreira era como um *bébé* nas mãos d'aquella ladina de estatura méa, olhos negros scintillante, e voluptuosos, mãos e pés de creança, e uns labios côr de cereja, humidos e appetitosos, denunciando sensualidades terriveis.

O Ferreira era o molosso obediente e manso da mulher.

Adormecia-a nos braços de hercules, cabelludos e vigorosos, bordados de enormes veias azues; fazia-lhe o almoço; ajudava-a a vestir, trazia-a sempre no luxo, e até chegava a ser sympathico quando lhe fechava os valiosos brincos de ouro, pendentes das pequeninas orelhas d'um tom rosa adoravel de frescura e de mocidade.

A mulher era o seu unico ponto vulneravel.

Todos conheciam na terra a ardencia louca d'aquelle amor enorme e apaixonado, grande e divino na sua sinceridade; e todos temiam o momento em que o Ferreira desconfiasse de que a mulher o atraiçoava.

Ferido em pleno coração, aquelle animal de instinctos selvagens e adorações mysticas, despedaçaria, como um raio, os roubadores da sua felicidade.

O Lourenço sabia isto tão bem como os outros, mas, com um sangue-frio atroz e um cynismo terrivel, sentou-se á carteira e escreveu uma carta ao ferrador, prevenindo-o do ultrage que a Margarida infligia á sua honra, e indicando-lhe a hora a que se davam os *rendez-vous*.

Fechou a carta pachorrentamente, escreveu o nome do Ferreira e o destino, com lettra disfarçada, e pegando do chapeu, sahiu.

A caixa do correio ficava proxima.

O Lourenço vio-a ao longe, pintada de vermelho e pregada na parede como uma mancha de sangue; apressou o passo, e, febrilmente, deixou cahir a carta dentro.

Só então é que elle comprehendeu toda a hediondez do seu procedimento.

Pela mente abrasada passou-lhe a figura athletica e vingadora do Ferreira, com os olhos injectados de sangue, o cabello hirsuto, um riso diabolico ao canto dos labios, e uma enorme navalha no bolso.

Viu-o approximar-se do quintal, entrar em casa, e coser ás facadas a mulher e o João da botica, e tudo isto por causa d'elle, que fôra o chocalho do diabo, a revelar ao marido o mais terrivel dos segredos.

Arrependeu-se, e como ninguem passava na rua, pensou em roubar a caixa, ir a casa e sonegar a carta, mas a empreza era arriscada e difficil.

Depois de muito scismar, retirou-se, decidido a subornar o carteiro, e foi para casa, com a cabeça em fogo e o espirito dilacerado pelo remorso que o atormentava.

Pela manhã muito cedo, dirigiu-se á estação do correio, e esperou pacientemente que as cartas fossem distribuidas.

O distribuidor da terra era novo ali, e a sua physionomia austera, sympathica, e rigida de linhas, justificava bem a fita de comportamento exemplar que se lhe via no peito.

O correio tomou a mala, e com a maior tranquillidade do mundo sahiu da estação.

Quando ia a meio caminho o Lourenço approximou-se d'elle, e perguntou-lhe á queima roupa:

—O sr. leva uma carta para o João Ferreira?

—Levo, sim senhor, porque?

—Precisava d'ella...

—Está doido! tornou o correio, sorrindo. A correspondencia só se entrega ao destinatario.

—Tem razão; mas é que essa carta vae causar uma grande desgraça...

—E que culpa tenho eu d'isso?

—Nenhuma, mas podendo evital-a...

—Se todos lessem pela sua cartilha, prescindia-se do correio, porque quasi lhe affirmo que, por cada carta boa que entregamos, distribuimos vinte más.

—Mas essa é peior que má, homem de Deus; é pessima.

—Será, mas o meu dever é entregal-a á pessoa a quem vae dirigida.

Discutindo por esta fórma, os dois atravessavam uma azinhaga solitaria e tortuosa, que ia dar ao centro da villa.

—Offereço-lhe vinte libras pela carta, disse o Lourenço, pausadamente.

—Nem que o senhor me désse vinte contos, respondeu o correio, imperturbavel ante a promessa d'aquella bonita quantia.

—Você é cabeçudo, proseguiu o Lourenço. Isto fica aqui entre nós e ninguem o saberá. A carta foi escripta por mim, e agora estou arrependido do que digo n'ella.

—Pois pensasse melhor, ou não a escrevesse.

—Vamos; dou trinta libras...

O carteiro não se deixou vencer; teve um gesto de enfado, e apressou o passo, para se ver livre do importuno.

O Lourenço, desvairado, deu-lhe um salto á frente.

—Entregue-me a carta, exclamou com voz tremula e suffocada.

—Deixe-me passar, homem; você está maluco!

O Lourenço deitou a mão vigorosa e cabelluda á gola do casaco do correio; este quiz defender-se, e gritou por soccorro.

Então o aggressor fez estalar na algibeira a sua navalha andalusa, e a ponta fria do aço reluzente tocou a garganta do carteiro.

O desgraçado soltou um grito. O Lourenço teve medo, ouviu aquelle grito repercutir-se pela azinhaga, e embebeu o ferro no pescoço do infeliz, que cahiu pesadamente no solo.

O Lourenço abriu a mala e apoderou-se da carta. Depois deitou a correr, e em menos de dez minutos estava na villa, um pouco tremulo e pallido.

Foi á botica do João beber uma soda.

—Então, já sabe a grande novidade? exclamou radiante o boticario, cofiando o bigode petulante e retorcido.

O Lourenço sentiu um frio glacial percorrer-lhe a espinha, e voltou-se para a porta, julgando ver os cabos de segurança e o regedor, que o vinham prender.

—Já vejo que não sabe, guinchou o João, pondo no seu logar o frasco do acido tartarico; pois eu lhe conto: o Ferreira foi para os anjinhos!...

—Que diz você, homem?!

—E' como lhe affirmo. O João Ferreira acaba de dar a alma a Deus.

—O Ferreira morreu?

—D'uma apoplexia fulminante Olhe, segure aqui no copo, senão vae tudo por fóra.

—O Lourenço sentou-se n'um banco, e ficou a olhar para o chão, com ares parvos, de idiota.

—Então, bebe ou não bebe?

O desgraçado bebeu o liquido que lhe apresentavam, e sahiu cambaleando.

Louco de desespero, foi d'ali apresentar-se á auctoridade, declarando ser o assassino do correio, cujo cadaver era conduzido, meia hora depois, para a egreja da villa.

*
* *

O tribunal foi benevolo para com o Lourenço, condemnando-o a quinze annos de degredo; e todos quantos souberam a historia triste d'aquelle infeliz, tiveram dó do seu infortunio.

Lourenço sentira, como poucas vezes se sente na vida, pesar sobre elle a mão impiedosa da fatalidade.

*
* *

No dia em que o desgraçado sahiu da villa com direcção a Lisboa, afim de embarcar para o degredo, a Margarida do Ferreira casava espaventosamente com o João da botica.

O que é o mundo!

ALFREDO GALLIS.

MAL ME QUER, BEM ME QUER...

## MORS-AMOR

Quando me olhaste pela vez primeira,
A mim, que não sabia o que era amar,
Senti que me nascia a vida inteira
Na luz do teu olhar!

E agora, se me fitas longamente,
Ou me vens nos teus braços envolver,
Como a luz que se apaga lentamente,
Eu sinto-me morrer.

E' que olhando p'ra mim d'essa maneira
Tão languida e tão triste, ó minha flôr,
Fazendo-me nascer a vida inteira,
Tu matas-me d'amor!...

Lisboa, 1885

EÇA DE ALMEIDA.

# A ROSA CHÁ

(AO CONDE DE TAVAREDE)

Era n'um sabbado de espera de touros, no tempo em que ainda havia *esperas*.

O Henrique Pereira fôra convidado pela primeira vez para ir ver passar os touros de casa do conde, em Arroyos.

Aos sabbados reunia-se lá muita gente, conversava-se, dançava-se, ria se, fazia-se musica e ditos, passavam-se umas horas deliciosas.

Até ás duas da madrugada jogavam-se jogos de prendas; ás duas passavam os touros e depois jogava-se o monte, até se apagarem os candieiros, e ia-se esperar o sol para o alto da Penha, e saudal-o com um copo de leite ou uma taça de Champagne, segundo o appetite de cada um.

O Henrique estava radiante com o convite que lhe fizera o conde, mas ao mesmo tempo estava embaraçado com a entrada.

Conhecia alguma cousa o conde, mas não conhecia nada as pessoas que lá estavam, e assustava-o a idéa de entrar sósinho por ali dentro, n'uma sala cheia de homens e de senhoras de uma sociedade que elle não frequentava.

O que queria era arranjar companheiros para essa entrada difficil.

A's dez horas, na rua de S. Roque, encontrou Jorge um rapaz que era primo do conde e que ia lá todas as noites.

—O' menino, tu vaes hoje a casa do conde?

—Vou.

—Então anda d'ahi commigo .. O conde convidou-me, mas é a primeira vez que lá vou, e...

—Tem paciencia, meu filho, mas eu não vou já para lá.

—Então, a que horas vaes?

—Não sei, tenho que fazer... lá para as tres ou quatro horas...

—O' demonio! tão tarde!... Vem mais cêdo...

—Não posso, homem.

—Maganão! Alguma entrevista, hein?

Jorge sorriu.

—Pois eu safei-me hoje mais cêdo de casa da minha pequena.

—O que? tu tens d'isso...

—Tenho, uma hespanhola lindissima, que tem uma paixão doida por mim... Custou-me a conseguir que ella me deixasse sahir a estas horas... mas o conde convidou-me...

—Então até logo... lá nos veremos.

—Até logo.

*
* *

Jorge tinha effectivamente uma entrevista, — e era a primeira — com uma hespanhola, a Concha, que morava a S. Pedro d'Alcantara, e que lhe mandára dizer que o esperava ás onze horas da noite.

A Concha era uma encantadora rapariga, magra, franzina, de esplendidos olhos negros, que tinha sobre a maioria das hespanholas de exportação a grande superioridade de ser muito intelligente, de conversar muito bem, de ter espirito e de recitar adoravelmente Espronceda, que sabia todo de cór.

Na sala, em cima de uma mesa, ao lado do *Diablo mundo* e de uma caixa de cigarrilhas La Ferme, n'uma jarra de porcelana estava um bello ramo de rosas, tendo no meio uma esplendida rosa chá, enorme, d'um tamanho e de uma belleza perfeitamente excepcionaes.

A noite foi uma noite de amor e de litteratura; fizeram-se juramentos, recitaram-se versos, fumou-se, bebeu-se chocolate. A's tres horas Jorge despediu-se.

—Un ratito mas...

—Não posso, tenho que ir a casa d'um primo meu, já lá devia estar ha mais de duas horas.

A Concha insistiu, e elle cedeu mais meia hora.

O relogio da torre de S. Roque veio chamal-o á realidade.

Jorge sahiu, mas antes de sahir a Concha poz-lhe na *boutonniére* a rosa chá com as suas mãos brancas, compridas e deliciosas.

—No te la'quites?

—Não. Ha de morrer aqui, disse Jorge.

E sahiu, metteu-se na primeira tipoia nocturna que encontrou, mandou bater para Arroios e lá foi aos solavancos dentro do *sereno* que parecia desfazer-se ao escorregar pelo Chiado, ao voltar as esquinas da Mouraria, e ao marinhar pela calçada dos Anjos.

*
* *

Quando lá chegou, os touros tinham passado havia que tempos, e jogava-se o monte

O Henrique perdia um dinheirão. Teimava em cercar a dama, que se negáva com uma obstinação mal creada.

—Que querem! dizia elle puchando por um punhado mais de notas. Isto até é asneira teimar. O proverbio não mente.

E contava a historia dos seus amores, da fidelidade da sua hespanhola, da despeza fabulosa que fazia com ella, dos presentes que lhe mandava.

—Olhem, ainda hoje, antes de vir para aqui, lhe mandei um bouquet que me custou tres mil e seis centos,

—O' menino! troçaram, não acreditaram.

—Tres mil e seis centos, sim senhor, no Paulo Pereira; só uma das rosas me custou dois mil réis. Mas uma rosa chá, como não ha outra em Lisboa, uma especialidade, uma raridade.

N'isto entrava o Jorge na sala.

—Olá! então, seu maganão, disse-lhe o Henrique, até agora, hein?

E olhando-lhe para a *boutonnière*, exclamou:

—Ora essa! Então o Paulo Pereira mentiu-me...

—O que? perguntou Jorge sem perceber...

—Disse-me que não havia outra rosa como a que me impingiu... mas essa é muito parecida. Quanto custou?

—Deram-m'a.

—Pois foi mais feliz do que eu. A que mandei hoje lá para S. Pedro de Alcantara...

—Para S. Pedro d'Alcantara?

—Sim, lá para a minha pequena, para a Concha, custou-me dois mil réis... Mas era mais bonita do que essa.

Jorge ficou espantado. O conde desatou a rir.

N'esse momento appareceu a dama na mesa e o Henrique começou a ganhar como um desesperado.

GERVASIO LOBATO.

## Ao Christo do meu Sanctuario

Doce imagem de Christo, ó santa companheira
de meus paes e avós!.. ó cruz de redempção!
imagem, ante a qual, minha familia inteira
tanta vez se prostrou em fervida oração!

Oh! quantas gerações tens tu presenceado
á luz desabrochar, e anniquilar-se á luz!
e n'esse teu martyrio, ahi crucificado,
as tens visto passar, do cimo d'essa cruz!

e quantas vezes mil, prostrada e lacrimosa,
a minha triste mãe, aqui orou assim,
invocando teu nome, em préce fervorosa,
por ella, por meu pae, por meus irmãos, por mim!

Se bem me lembra ainda! — ás vezes, imprevisto,
entrava eu na alcova, onde era o teu altar:
lá 'stava aquella santa, em face a ti, ó Christo,
em extase de fé, teu rosto a comtemplar.

e n'esse enlêvo d'alma, expunha-te o sacrario
do coração de mãe: mil sonhos e visões!
e tu, ó doce Christo, ó martyr do Calvario,
par'cias n'um sorrir, calmar-lhe as aprehensões!

Ella erguia-se então, cheia de meiga esp'rança
n'aquelle teu sorrir, penhor d'eterno bem;
e não chorava mais,— um iris de bonança
lhe illuminava a fronte, e o coração tambem!

Doce imagem de Christo, ó santa companheira
de meus paes e avós!.. ó cruz de redempção!
imagem, ante a qual, minha familia inteira
tanta vez se prostrou em fervida oração!

HEITOR JORGE.

# AS NOSSAS GRAVURAS

CONVENTO DA GRAÇA, EM TORRES VEDRAS

Entre os edificios mais notaveis, senão o mais notavel de Torres Vedras, conta-se o convento de Nossa Senhora da Graça, que a nossa estampa representa.

O convento, que pertencia á ordem de eremitas calçados de Santo Agostinho, foi fundado primitivamente em 1266, em frente da parochia de S. Thiago; el-rei D. Manuel mandou remover para elle a capella real que a rainha D. Brites fundara nos paços; e em 1544 o convento foi transferido para um largo á saida da villa, sobre a estrada de Lisboa, construindo-se para isso edificio proprio no sitio onde estivera um hospital dos *Gafos*, intitulado de Santo André.

N'este convento foram prelados S. Gonçalo de Lagos, que a camara de Torres Vedras tomou para patrono da villa, e D. frei Aleixo de Menezes, depois arcebispo de Goa, e mais tarde de Braga.

O edificio do convento occupa um espaço perfeitamente quadrado, tendo ao nascente a egreja, que corre de norte para o sul.

É UMA MARAVILHA!

Que suave encanto derrama a scena de familia que estamos presenceando n'este quadro. A doce luz que o illumina, com uma distribuição tão natural e tão sem esforço, faz transparecer n'estas physionomias sympathicas a paz e a felicidade que mora n'essas almas que a tempestade das paixões ruins não agita, e que não assombreia nenhum pensamento mau. E' quasi um sacrilegio tentar descrever o que o engenho do artista primoroso desenhou por modo tão eloquente e tão acabado. O quadro falla por si. Uma pequena machina de costura, producto de uma das fabricas allemães, que em vão buscam sustentar a lucta de competencias com os colossaes estabelecimentos fabris d'esta especialidade nos Estados-Unidos, que disseminam por milhões os seus apparelhos em todo o mundo, sem escapar a ultima casinha das mais reconditas sinuosidades das serranias, uma d'essas machinas chegou á habitação campezina.

—«Que maravilha!»

Foi adquirida pelos esforços e com o producto das economias de Luiza, a ingenua filha familia, que se dedica especialmente aos trabalhos de costura, e cujas mãos delicadas e habilidosas vencem com raro geito todas as difficuldades do côrte e do ponto. Quantas vigilias lhe não custou esta conquista, quantos enormes sacrificios não fez ella para obter esta pequena maravilha da machina, para realisar esta sua aspiração de tantos dias, este seu sonho de tantas noites! Mas tudo ficou sobejamente paga com o prazer infinito da propriedade de um dos tão afamados apparelhos de costura accelerada, e com a satisfação immensa, cortada de um certo desvanecimento, muito justo e muito humano, de ser a unica d'aquella visinhança, que sabe fazer surgir debaixo da agulha metros e metros de delicadas bainhas e de caprichosos ponteados.

Esse nobre e innocente orgulho, essa intima satisfação é trahida por aquelle breve sorriso comprimido que lhe alegra a serena physionomia.

A mãe está admirando mais uma vez, mas com a tranquillidade que lhe dão a experiencia das cousas da vida e o largo conhecimento que tem dos talentos da filha, a machina e o trabalho da operaria.

Duas amigas d'esta vieram, alvoroçadas, assistir aos trabalhos inauguraes, regalar-se na contemplação dos engenhosos movimentos do prodigioso apparelho, e trazer á sua amiga o preito sincero da sua estima pelo seu merito e pela sua applicação. Não ha alegria mais pura, prazer mais vivo e mais sincero que o que essas duas sympathicas creaturas experimentam n'esse embevecimento dos sentidos, no enlevo d'essa contemplação.

Aquella mulher que está no segundo plano do quadro, não cáe em si da surpreza que lhe causou este prodigio. Quasi lhe custa a crer o que vê, e apura quanto póde o orgão visual, procura até varios effeitos opticos pela compressão das palpebras, para conhecer como é que o fio opéra os seus differentes movimentos, como as rodas agitam a agulha e como esta funcciona tão regular e tão facilmente.

MAL ME QUER, BEM ME QUER...

Assim dizia a pobre Gretchen. Ama-me, não me ama ..

E foi o amor que a matou.

Oxalá que tu não sejas tão desgraçada como ella foi. Se o fores, lembra-te da pobre Margarida, mas será tarde. A flor não tem culpa, vae dizer o que tu queres que ella diga. Mal me quer, bem me quer, pouco, muito, nada. Tu, provavelmente, queres que a flor diga «muito». Muito desgraçada é que devias de dizer, mas serias ainda mais se não amasses. Os que amam são infelizes, mas os que não amam mais infelizes são. A vida seria como uma flor desbotada, se o amor a não colorisse. E' essa a tua opinião e tambem a minha. Ama, ama...

O DISPENSEIRO CUIDADOSO

Elles eram os mesmos por toda a parte. Cuidando da alma, e não descurando o corpo; dedicando-se ao serviço do ceo, mas não esquecendo os prazeres da terra; amando a sciencia e a boa mesa, a reflexão profunda e a digestão sadia.

Havia excepções no amor dos gosos mundanos, como no amor da sciencia, abstinencias heroicas do corpo ou do espirito, maceração da carne, e ociosidades do intellecto. Havia-as; mas tambem não era raro que na communidade, a par dos grandes sabios, vivessem os grandes gulotões, quando as duas qualidades se não achavam reunidas no mesmo individuo.

E não era debalde que a sciencia se havia refugiado na placidez dos conventos! Se ahi viviam as abstracções da philosophia, as subtilezas da dialectica, a cultura das boas letras classicas, a par da theologia, dos canones, e até das bellas artes, se ahi se albergavam por vezes as concepções abstrusas da alchimia e o empirismo da medicina, de justa razão era que lá se prestasse homenagem tambem á hygiene, conforme ella podia ser comprehendida ali, e que o regimen alimentar corresse parelhas, na solicitude dos reverendos, como escolha, quasi sempre acertada, dos locaes para construirem as suas commodas habitações.

A boa nutrição variada, sem lhe aquilatar equivalentes de carbonio ou de azote, que eram cousas de que se não occupava ainda a sciencia, o bom estimulo de vinho puro generoso para as funcções gastricas, não podiam deixar de ser cuidados de summo interesse para os que adoptavam em toda a sua plenitude o aphorismo *mens sana in corpore sano*. O espirito era tudo; e se acaso regalavam o corpo, era para que assim garantissem melhor o estado são da parte immaterial do seu ser.

Houve entre os cenobitas pois grandes talentos e grandes cachaços, exemplares notabilissimos de virtude austera e de largo desenvolvimento de tecido adiposo. A satyra, na poesia ou na pintura, não poupou sempre aquella beatitude das fartas digestões, e das libações abundantes: e quantas vezes o poeta ou o pintor estariam a carregar os seus quadros com a hyperbole do sybaritismo, quando, na frugalidade do seu passadio, os estivese corroendo a inveja de não poderem imitar o exemplo dos seus nedios modelos!

O assumpto representado pela nossa gravura, nasceu talvez de uma d'essas inspiracões pouco generosas, é verdade, mas justificadas pelas abstinencias forçadas, que, sem proveito para a alma, a arte impõe ás vezes aos seus cultores.

A expressão physionomica do personagem do quadro, a attenção beatifica que se lhe divisa no rosto, a descuidança d'aquelle pôr do solidéo, que contrasta com a alvura das cans, o cuidado com que ergueu os oculos, elle presbyta, para assim vêr melhor a certa distancia e melhor poder apreciar o aspecto e transparencia do divino licor; a delicadeza suave com que empunha o calix, para que o liquido pelo tremor se não perturbe, o quasi sorriso que lhe adeja nos labios, ao dar-se por satisfeito com a sua observação; o caracteristico de bom entendedor no assumpto que elle revela desde o amplo e proeminente epigastrio até ao olhar pisco e ás nedias bochechas, tudo faz da gravura uma bella creação, sem originalidade na idéa fundamental, mas com originalidade verdadeira no modo de a tratar.

N'este personagem que enche a scena, não ha a lubricidade do vinho; ha o culto severo e grave da boa pinga. Podia ser surprehendido n'aquella attitude, fôsse por quem fôsse, que não teria que córar. Desempenhava com consciencia e sisudez um dever; procedia a um estudo; correspondia lealmente á confiança que n'elle haviam depositado para o cargo de dispenseiro.

Ali não ha o amador do vinho; ha o entendedor, o que é muito mais distincto: não se presente n'aquelle aspecto o antegosto da libação, adivinha-se o prazer de reconhecer as boas qualidades do liquido observado.

OS CÃES

A nossa estampa representa uma canzoada, no momento do apparecimento repentino e inesperado d'um canzarrão provocante.

A paz, que reinava entre os pequeninos cachorros e a mãe que os amamentava, foi perturbada pela *visita* importuna de um *parvenu*, que, desconhecedor talvez dos encantos de um *menage* canino, se pavoneava de desdenhoso *mirone* das grandes scenas intimas e das profundas dedicações podengas.

Aqui se observa o amor do animalejo que protege os seus filhos e o descontentamento do mesmo pela importunação que lhe causa o que, mercê de Deus, encontra sob os seus olhos uma scena tão edificante quanto expressiva da bella harmonia de uma pacata e fecunda familia canina, e quem sabe se mesmo uma accusação tacita aos seus habitos de conquistador solteirão... se o fôr.

## A RIR

—Um sujeito, que andava em apuros de dinheiro, foi a um ourives com um colar de brilhantes da mulher, e disse-lhe:

—Desmonte-me este colar, venda-me os brilhantes, e substitua-os por uns falsos, para que minha mulher não o perceba.

—Meu caro senhor, é impossivel.

O DISPENSEIRO CUIDADOSO

—Impossivel, como?

—Impossivel, porque sua esposa já mandou fazer essa operação ha dois mezes.

*

N'um *restaurant*, entre esposos:

—Vamos ambos ler a lista, minha queridinha, e tu dirás o que mais te appetecer. Sopa julianna, hein? Digo que tragam julianna para dois...

—Pois sim... Já que o primo Ernesto não poude vir...

—Depois... salada de camarão... Os camarões são a verdadeira mostarda do amor...

—N'esse caso, meu amigo, manda vir... para tres.

## PARAISO VEDADO

Guarda-lhe a porta á camara esquisita
Um anjo. E se ella dorme, esse anjo espreita
Em roda, e ao punho o alfange de ouro estreita,
E se ella treme, o alfange de ouro agita.

Não ha transpor essa mansão bemdita!
Pés profanos lá dentro quem suspeita?
Véla a guarda, de pé; na mão direita
Arde o ferro luzente que exercita.

Em paz! desejo meu que ardente estúas!
De seus limpidos pés o arminho brando
Nem te é dado roçar com as azas tuas!

Olha-a apenas da porta... e a sombra escassa
D'essa arma inveja, fulgurante, quando
Mobil projecta-a, e ella em seu rosto passa.

ALBERTO DE OLIVEIRA

# EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

## CHARADAS

NOVISSIMAS

Vendo-se livre, estava alegre esta mulher—2—2.
Sente-se no pescoço e nas orelhas—1—2.

ANTONIO ALFREDO DE SOUSA DIAS.

Este peixe do rio é pronome e peça d'antiga armadura—2—1.

A. HENRIQUES GOMES.

Olhei para o campo e achei appellido—1—2.

JOÃO F. DA SILVA FIALHO.

EM VERSO

(Charada conimbricense)

Na primeira vertical
Tens acto de caridade,
A pobreza soccorrendo
Na grande festividade.

A segunda vertical
P'ra goso e descanço é,
Mas livremo-nos d'alguma
Que nos façam de má fé.

A primeira horisontal
Eu, tu, elle, nós, vós temos;
Isto mesmo muitas vezes
D'uma rua té dizemos.

A segunda horisontal
Prova bem força e destreza,
Amansando, nos desertos,
Das pantheras a braveza.

Lá em plaga bem longiqua
A primeira diagonal
Uma ilha é, conhecida,
D'este nosso Portugal.

A segunda diagonal
N'uma era já distante
Foi por dama advertida
A seu desditoso amante.

Ajuda. CHRISTINA M. D'A B. ADRIÃO.

EM QUADRO

(POR SYLLABAS)

. . . Nome de homem
. . . Substantivo
. . . Adjectivo.

ALFREDO HENRIQUES GOMES.

DECAPITADA

Foi em— que o grande heroe se rendeu! E se elle não se —, em serios embaraços se —, pois em logar de ir para a fortaleza, ás ordens de Lannoi, — fazer — mais longa das viagens.

MATHEUS JUNIOR.

## LOGOGRIPHOS

(A José Rodrigues da Cruz Faria

Meu amigo:
este legume—1, 3, 4, 6.
Diz-te nome de mulher.—2, 5, 3.
Entre sete me has de ver,—1, 6.
Designando um certo cão.—1, 5, 2, 3.
Ver-me-has lá nas crateras.—2, 6, 4, 3.
Adverbio sempre sou—6, 2, 5.
E na sala tambem estou,—2, 3.
Como em todo o batalhão—3, 2, 6.

Sou um nome feminino
P'ra muitos não mui vulgar,
Mas que tu ouves com gosto
Muita vez pronunciar.

Porto. ZÉ QUITOLES.

(POR LETRAS)

Nome de mulher—3, 2, 2, 6.
Nome de mulher—1, 2, 6, 4, 5, 1.
Nome de mulher—4, 5, 6.
Nome de mulher—3, 2, 5, 4, 5, 1.

Nome de mulher.

C. A. C. LACERDA

Um arbusto não vulgar—5—4—5—7.
Eu tenho no meu jardim;—5—3—4.
E tambem junto de mim—6—1—2—7.
Sempre, sempre o quero ver.—7—3—5—7.
Assim faz o que tem crença 7—5—4.
Do mundo cá n'este espaço;—4—5—1—4.
Sendo arma que arroja o braço—6—4—5—2—7.
Muito rica deve ser—4—3—5—1—4.

O conceito, depois d'isto,
E' por de mais escusado,
Pois, de certo, um nome de homem,
Deves ter já encontrado.

F. B. DIAS.

## ENIGMA

# LA SA

## PROBLEMA

Eleve-se successivamente ao cubo os numeros inteiros a partir da unidade, e sommem-se successivamente, a partir do primeiro, os numeros obtidos. Dizer qual é a expressão geral das sommas obtidas por este modo.

MORAES D'ALMEIDA.

## DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS: — Chincharavello—Falsabraga—Faisão—Insolente—Corneta—Cancan—Bailarico—Enfermaria—Girofe—Caracara.

DO LOGOGRIPHO: — Solto.

DA PERGUNTA ENIGMATICA:—Brandão.

DO ENIGMA: Poucas vezes é grande o que nasceu pequeno.

DA SORTE DE CARTAS: — Addiciona-se, invariavelmente, 8 ao numero de cartas que restaram, e o producto é justamente o valor das tres cartas.

Se não restou carta alguma, o valor das mesmas é 8, e se o baralho não chegou para se concluir o terceiro monte, subtrae-se de 8 tantos numeros quantas as cartas que faltarem, (que nunca podem ser mais de 5) e o resultado é o valor das alludidas tres cartas.

DO PROBLEMA: — Basta considerar evidentemente $8^{287}$; mas

formando as potencias successivas a partir da primeira, reconhece-se que os productos obtidos só podem terminar nos numeros 8, 4, 2, 6; e como 287 dividido por 4 dá 3 de resto, segue-se que o numero procurado é 2.

# EXPEDIENTE

Um nosso assignante e collaborador assiduo da secção charadistica, o sr. G. Caetano, escreveu-nos ha tempo, muito indignado, porque tivemos o arrojo de publicar no numero 47 uma charada firmada por L. Conceição Moraes, que sahira no *Almanach de Lembranças* de 1879 (pag. 185), sobre a assignatura do sr. Floriano Antonio da Costa, do Rio de Janeiro.

Agora, acaba o nosso estimado collaborador de voltar novamente á carga, revelando-nos que o sr. Augusto Carlos Baptista publicou, no numero 9 da *Illustração*, um logogripho por syllabas, inserto no volume, de 1885, d'aquelle mesmo almanach, a pag. 272, e subscripto pelo sr. P. Job (Fortaleza do Ceará).

Não aceitamos as censuras de que o sr. G. Caetano faz acompanhar estas revelações, e pedimos-lhe que as emborque todas sobre as cabeças dos dois plagiarios.

Em verdade, somos pouco investigadores d'assumptos charadisticos, e não temos tempo para consultar toda a collecção do *Almanach de Lembranças*, sempre que os srs. Conceição Moraes e Augusto Carlos Baptista nos enviam os seus logogriphos.

Investigue o sr. Caetano, e nós exporemos os nomes dos plagiarios por si indicados, á gargalhada do publico.

Que mais quer?

A REDACÇÃO.

# GÉMEAS

O pae das duas raparigas era um piloto da Pederneira, bom homem, coração dilatado pelo amor, rude como o escarceu, valente como a tempestade.

Um anno, quando era rapaz, voltando d'uma longa viagem no mez de agosto, foi á romaria de S. Bartholomeu, cuja ermida alveja no topo de um monte, a leste da Pederneira.

As moças da Nazareth, e até as de Alcobaça, que não faltam n'aquella romagem, pareciam querer dar-lhe na vista, e trocavam com elle flores.

O Manuel Luiz era novo, forte, destemido, estava fadado para o mar. Diziam os velhos maritimos que chegaria depressa a piloto, e esta prophecia fazia peso no animo das raparigas, porque o Manuel Luiz dava a entender que se casaria em chegando a piloto.

Quem era a noiva escolhida? Não se sabia. Havia de ser uma; n'esta esperança; todas iam preparando terreno.

Elle sorria, porém, maliciosamente e dizia-lhes atravez do fumo do cachimbo:

— Raparigas, olhae que eu sei para onde navego; — não sou barco desarvorado.

Quem sahia lá o rumo do seu coração?

As raparigas atiravam-se á vaga da esperança, porque emfim os barcos fizeram-se para as vagas, e o coração do Manuel Luiz andava boiando com o seu segredo.

Uma só rapariga, quando as outras lhe encareciam os dotes de Manuel Luiz, costumava responder:

— Pois eu não me afadigo. O casamento e a mortalha no ceu se talha. Ha de ser para quem fôr.

Partiu o Manuel Luiz para a Brazil. Disse-se logo que, quando voltasse, faria exame de habilitação em Lisboa, e que depois de ter na mão a carta de piloto iria á Pederneira desposar a noiva mysteriosa.

Aconteceu pontualmente assim. Regressou, fez-se examinar, e voltou approvado á Pederneira.

— Elle ahi vem! diziam ellas.

— Quem será?

— És tu!

— És tu!

Quem havia de ser sabia-o elle, — e talvez ella. O coração é um adivinho que nos está constantemente segredando Quem é que, alta noite, estando sósinho, não o tem ouvido pulsar mais fortemente para attrahir a si a nossa attenção? Falla; quer ser ouvido. Ha de ser para quem fôr, dizia a rapariga que parecia menos esperançada na conquista. Parecia; que, na realidade, o coração lá lhe dizia a toda a hora que era ella. E foi...

— Pobre! gritávam as outras.

— E doente!

— E feia!

— E preguiçosa.

Um côro de despeitos e resentimentos, — o desfolhar violento das esperanças, que são flores que teem espinhos, e ferem sempre que se desfolham.

Porque gostou d'aquella o Manuel Luiz?

Exactamente porque o não requestava. Quer-me parecer que o grande encanto do ouro está, não no valor material que tem, mas no trabalho que dá a encontral-o.

E o Manuel Luiz, que tinha andado por esses paizes onde ha muito ouro, diziam na Pederneira, bem devia de saber que não se encontra facilmente o melhor ouro. Pois os bons corações são assim: attrahem, mais pelo que vae sendo raro achal-os, do que mesmo por serem bons.

Quando o piloto voltou á Pederneira, um anno depois de casado, encontrou duas creanças nos braços da mulher, — duas gémeas.

— Foi castigo! vociferavam as despeitadas. Foi castigo de nos enganar a todas..

Isso lá era com elle; n'este ponto não tenho indicações dignas de credito.

O Manuel Luiz não se affligiu. Disse alegremente:

— Cada filho é uma tempestade de cuidados; e qual é o piloto que se não atreve com duas tempestades?

A's vezes, se a mulher pensava no destino das duas creanças atalhava elle:

— Mulher, o mar é muito rico, e tem ainda pão para mais de duas pessoas.

Duplicaram-se as forças d'aquelle homem!

— Ora que tu, Manuel, tão pouco tempo vives em casa!...

Deixa-me ir, mulher, respondia elle, deixa-me ir. O mar é o meu modo de vida: vou para elle. O teu é olhar pelas gémeas. E bem gémeas, em verdade! Eguaes em tudo, na côr, nos cabellos, nos olhos.

A mãe sentava-as no mesmo berço, uma em frente da outra. Ha uma ballada allemã em que o filho d'um plebeu se confunde com o filho d'um castellão, por descuido, na mesma noite em que nasceram. Pois aquellas duas creanças, se os paes não as soubessem distinguir, confundir-se-iam aos olhos dos estranhos como as creanças da ballada...

Ah! mas os paes, esses conheciam-n'as sem olhar para ellas. Diziam para o lado em que estava uma:

— O' Maria!

E para o outro lado:

— O' Magdalena!

Maria, o poema da redempção! Magdalena, o poema do arrependimento! Mas, o que é certo, dois poemas... Por acaso, acertadamente haviam sido escolhidos os nomes das gémeas.

Cresceram as rapariguinhas, e o tempo foi lentamente modificando a semelhança primitiva, em tudo, até nos sentimentos.

O pae estava cançado, e dizia-lhes ás vezes:

— Filhas, até agora trabalhei eu para vós; agora pensae em vós mesmas.

E pensavam, mas por modo differente. Uma erguia as suas vistas muito alto. Deixava-se requestar por um bastardo de Fanhões, que tinha os deffeitos dos verdadeiros morgados, sem ter nenhuma das virtudes Era tolo, e pobre.

A outra correspondia a um rapaz que estava empregado na administração do concelho, e que nas horas livres tirava cópias por diminuto salario.

O pae dizia:

— Deixal-as lá. Cada um deve ser o que quer ser. Eu quiz ser marinheiro, fui, e morro feliz.

— Quizeram casar as gémeas. Casaram, — diversamente, como tinham amado. Uma com o bastardo, a outra com o amanuense. Na Pederneira fazem-se grandes festas quando ha bodas. É costume que os convidados acompanhem o noivo a casa das madrinhas e da noiva. Vae o prestito caminho da egreja, por debaixo de uma chuva de confeitos, o noivo adeante com os convidados, e em seguida a noiva entre as duas madrinhas. Depois da ceremonia religiosa ha bodo, e depois do bodo, dança. Assiste a noiva, sentada no meio da casa, entre as madrinhas. As raparigas que vão chegando atiram-lhe com nuvens de confeitos, e a noiva está ordinariamente tão venturosa, que não parece molestar-se com a dura amabilidade dos projectis de assucar.

Esta festa nupcial póde durar muitos dias, consoante as posses do noivo.

A de Maria, que casou primeiro, durou tres dias. O bastardo quiz ser pomposo. Dançou-se e comeu-se durante trinta e seis horas, findas as quaes houve grossa bordoada, porque o noivo, não tendo já capacidade para mais vinho, vasou-o insolentemente na cara dos convidados. N'esse tempo ainda era costume na Pederneira mandarem os noivos um prato de arroz cosido com assucar a todas as pessoas convidadas e principaes da terra. Isto importava uma esportula, por via de regra, generosa. Ora o noivo de Maria parece que tivera o proposito de desfeitear os que foram menos prodigos na retribuição do arroz com assucar, e desancou-os.

Começaram desde então a retrahir-se os convidados para bodas, e a ir armados para os bailaricos. De sorte que os noivos nunca mais deram bordoada nem receberam essa especie de arrhas tradicional.

Quando casou Magdalena os festejos foram menos lusidos: a dança durou apenas um dia.

Os noivos quizeram poupar para alfaiarem modestamente a

sua casinha. Pequenina era ella, mas alegre, luminosa, conchegada: um ninho!

No primeiro dia santificado depois do casamento, vão os noivos á missa *das onze*, entre as madrinhas, acompanhadas pelo noivo. E' capricho levar o melhor fato. Maria ia, como hoje se diz, *coquette*; Magdalena, ia como se ha de dizer sempre das noivas felizes, alegre.

Todo o povo diz, perturbando-se em sua devoção:

— Ahi veem os noivos!

E algumas vezes, entre o *introito* e o *canon*, commentam a escolha dos noivos, e bandarream prophecias que nem sempre são benevolas.

Uma velha da Pederneira, quando chegou o domingo de apparecer á hora da missa a Magdalena, cochichou a uma visinha, relanceando um olhar a Maria, que tambem estava na egreja:

— Nem parecem gémeas! Uma rainha, de manto e cauda. A outra... como qualquer rapariga!

A visinha, ainda mais velha, respondeu em tom solemnemente prophetico:

— Deixar lá. Para alguma cousa nasceram gémeas...

Estes rumores chegaram aos ouvidos do piloto, que respondia quando o accusavam de ter deixado casar uma das filhas com o escripturario da administração:

— Ella quiz. Dei-lhe a felicidade que desejou. Quem boa cama faz, em boa cama se deita.

E, dando o seu passeio habitual de todas as tardes, subia á ermida de S. Bartholomeu e punha-se longo tempo a olhar para o mar, a contemplar as Berlengas, que se espumam no horisonte, os *Toiilhões*, rochedos que teem este nome, a montanha da Nazareth, as campinas do Vallado...

Gostava muito d'aquelle sitio, que era o primeiro que via, a distancia de doze milhas, quando vinha no mar, com o pensamento na mulher e nas gémeas.

O pae estava ali com a sua saudade; as filhas cada qual em sua casa, e com seu destino.

Maria, infeliz. O bastardo aborreceu-se da tranquilidade do lar, felicidade tão delicada, que não é para todos o comprehendel-a. Entrou de recolher tarde, de perder tudo, a vergonha, a paciencia e o dinheiro. Restavam-lhe apenas alguns hypotheticos globulos de sangue illustre, porque lá para elle era ponto de fé

OS CÃES

o descender por bastardia do façanhoso capitão do castello de Mós, D. Fuas Roupinho, tão celebrado n'aquellas paragens.

Um dia, o bastardo de Fanhões travou-se de razões com um homem da Praia, e matou-o. Teve de fugir, de homisiar-se. A mulher viu-se de repente pobre, solitaria, desgraçada, — com dois filhos. Magdalena tinha outros dois, e dava inveja a doce paz do seu lar. O marido havia subido a escrivão da administração: já não invejava mais nada. O velho Manuel Luiz, quando soube da desgraça da filha, revoltou-se em escarceus, como o oceano açoitado pelo tufão.

— Para isso a creei eu! bradou elle iroso. Envelheci no mar para que ella estivesse mimosa, e escolhe marido que deshonrou a minha velhice! Não a quero ver...

Montanhas de espuma que, como no oceano, se desfazem com um sopro. A alma do marinheiro tem muito do mar. Magdalena foi de casa do pae a casa da irmã, e disse-lhe:

— Anda de ahi com os teus filhos...

— Para onde?

— Para minha casa.

— O quê?

— Anda de ahi, já te disse.

Foi.

Manuel Luiz não poude ter mão em si que não quizesse ir ver a filha.

Ao fim da tarde, em vez de subir á ermida de S. Bartholomeu, foi vel-a.

Estavam as duas irmãs sentadas no terreiro. As quatro creanças brincavam juntas. Houve uma scena de lagrimas quando o velho chegou. Quizeram as duas filhas que o pae se sentasse no meio d'ellas. O piloto, muito commovido, sentou-se. Os quatro netos vieram agglomerar-se-lhes aos pés. Passou por ali a prophetica velhinha da missa. Entrou de rir-se e chorar...

— Que tens tu, Anna Luzia?

E' que, senhor piloto, eu bem dizia que para alguma coisa tinham nascido gémeas... Agora é que ellas estão como ha vinte annos no berço...

ALBERTO PIMENTEL.

## UM CONSELHO POR SEMANA

### MEIO DE VERIFICAR A PUREZA DO LEITE

Mistura-se cré em pó e leite, até que se obtenha uma massa pastosa. Se o leite não é falsificado, esta pasta levará 10 horas para endurecer; se ha 25 % de agua no leite, a pasta endurecerá em 2 horas, e com 75 % d'agua em 40 minutos.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa


TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO», TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA